

ENTREVISTA COM ROBERT EDELMAN¹

Rafael Fortes²

Resumo Robert Edelman é professor do Departamento de História da Universidade da Califórnia, San Diego (UCSD), onde leciona história da Rússia, da União Soviética e do esporte. Nesta entrevista, realizada em seu gabinete na UCSD em 6 de junho de 2006, ele fala sobre sua carreira, história do esporte, reminiscências de seu passado como torcedor e militante estudantil nos anos 1960, e suas numerosas viagens para realizar pesquisas na União Soviética/Rússia.

Palavras-chave: História do Esporte; Historiografia; URSS; EUA; Pesquisa em arquivos.

Interview with Robert Edelman

Abstract Robert Edelman is a professor at the University of California, San Diego's Department of History, where he teaches Russian and Soviet history and the history of sport. In this interview, which took place at his UCSD office on June 6, 2016, he speaks about his career, sports history, reminiscences about his past as a sports fan, and as a politically active student in the 1960s, and his numerous research trips to the Soviet Union/Russia.

Keywords: Sport History; Historiography; USSR; USA; Arquivial research.

¹ O original em inglês da entrevista está disponível neste número de *Recorde: Revista de História do Esporte*. Tradução para o português feita pelo autor.

² Professor do Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: raffortes@hotmail.com. Agradeço ao professor Edelman por conceder-me a entrevista.

Rafael Fortes: Bob, você pode contar um pouco sobre seus estudos de graduação e pós-graduação, e como se interessou por pesquisar esportes?

Robert Edelman: Isto aconteceu mais tarde na minha carreira. Então, se você quiser falar do início da minha carreira, não tinha nada a ver, profissionalmente, com esportes.

Cresci na cidade de Nova York, especificamente no Brooklyn, onde, como em muitos lugares dos Estados Unidos, o esporte era muito importante. Um dos times mais famosos de beisebol da época era os Brooklyn Dodgers, agora eles são os Los Angeles Dodgers, e seu estádio ficava a meia milha da nossa casa. Então, a partir de uns sete anos de idade, meu pai me levava [ao estádio], mas mesmo antes disso, ele jogava beisebol comigo.

Mas o grande esporte em Nova York sempre foi o basquete. Por volta dos oito ou nove anos, comecei a jogar. Eu tinha um problema nos olhos, o que tornava difícil para mim brincar na rua, jogos como *stickball*³ e *punchball*.⁴ Levei um tempo para encontrar meu caminho como atleta, embora eu não fosse muito bom.

Portanto, o esporte sempre foi algo muito importante para mim. Naquela época, eu acompanhava de perto o futebol americano profissional. Eu era um torcedor fanático dos New York Giants. Eu ia com meu irmão mais novo para o Yankee Stadium, onde se jogava futebol americano, na verdade.⁵

Mas nada disso tinha a ver, em particular, com a minha formação. Fui estudante de graduação e me formei em Relações Internacionais. Estudei em Princeton. E lá há a Escola Woodrow Wilson de Relações Internacionais e Públicas. Eu pensava que ia ser um jornalista de televisão. Queria estudar Rússia como minha área de especialidade, porque era o auge da Guerra Fria, e possivelmente entender aquela parte do mundo poderia contribuir para a paz mundial.

O outro lado é que era um estado revolucionário, ou reivindicava ser, na época. Meus pais estavam envolvidos em política, com posições bem à esquerda. Naquela época, eu era da Students for a Democratic Society [Estudantes para uma Sociedade Democrática, SDS na sigla em inglês], do movimento estudantil contra a guerra e do movimento pelos direitos civis. Por isso, eu tinha interesse em estudar estados revolucionários.

Então fui para a União Soviética em 1965 e, no fim das contas, não era tão perfeito assim. Além disso, quando estive lá em 1965, conheci alguns dos correspondentes das grandes redes de televisão. Naquele momento, havia apenas três. Nenhum deles falava russo.

³ Numa tradução literal, *taco* (jogo infantil popular nas ruas da região metropolitana do Rio de Janeiro). Contudo, a dinâmica do *stickball* emula o beisebol (Nota do Tradutor).

⁴ Outro jogo coletivo típico das ruas de Nova York, no qual bate-se na bola com a palma da mão (NT).

⁵ Estádio do New York Yankees, time de beisebol, no qual se realizavam também partidas de futebol americano universitário e profissional (NT).

Nenhum deles havia sido treinado em qualquer coisa que tivesse a ver com a Rússia. Eles recebiam treinamento como coletores de notícias. Então duas coisas ficaram claras para mim. Primeiro, que estudar russo não era o caminho para se tornar um correspondente na Rússia de uma grande rede de televisão. Segundo, politicamente, naquele ponto, levou um tempo para as grandes redes de televisão se voltarem contra a Guerra [do Vietnã]. De certa forma, isso aconteceu em 68, 69, quando eu já estava na pós-graduação. Eu me formei em 1966. Então, naquele momento, não estava na moda ou era *mainstream* ser contra a guerra. Portanto, compreendi que, se eu fosse trabalhar numa daquelas emissoras, um: não tinha a ver com saber muito sobre a Rússia; dois: você não podia ser um opositor da guerra e trabalhar para aquelas emissoras, naquele momento. Isto viria a mudar.

Outra preocupação que eu tinha era que professores com quem eu estava estudando, vários deles tinham literalmente trabalhado para a CIA [Central Intelligence Agency, Agência Central de Inteligência],⁶ embora eu não soubesse disso à época. Outros estavam abertamente ligados ao Departamento de Estado.⁷ Eu pensava que a Ciência Política era algo que eu iria achar interessante, mas acabou que, quando eu fui fazer as disciplinas, não sabia o que estava acontecendo. Eu tinha mais interesse e me sentia mais confortável fazendo História. Na parte final do meu último ano, mudei de curso e fui fazer pós-graduação em Columbia [University of Columbia] em história da Rússia e da Europa.

Em termos de experiência, foi uma formação bem misturada, mas eu estava sendo muito bem treinado para fazer história da Rússia pré-revolução. Naquela época, se você estava na Nova Esquerda [*New Left*], você não se sentia muito confortável estudando história soviética, porque boa parte dela era bastante trágica, triste e desagradável, e nós acreditávamos estar de certa forma em um momento pré-revolucionário. E desejávamos compreender aquilo observando um lugar em que [a revolução] de fato acontecera, como a Rússia. Então isto explicava em grande parte por que eu estava estudando Rússia naquela época.

Depois disto, como você veio a pesquisar esportes?

Eu havia publicado duas histórias sócio-políticas convencionais sobre a Rússia pré-revolucionária.⁸ Além disso, havia um monte de gente interessada em esporte por aqui. Havia muitos fãs de esporte no Departamento de História. Um deles, professor [Paul G.] Pickowicz, de história da China, tinha um amigo no escritório de relações públicas da universidade. O segundo trabalho deste amigo era cobrir esportes profissionais em San Diego para a Associated Press. Ele cobria

⁶ Principal órgão de espionagem do governo dos EUA (NT).

⁷ Na administração federal dos EUA, órgão equivalente ao Ministério das Relações Exteriores (NT).

⁸ EDELMAN, Robert. *Gentry Politics on the Eve of the Russian Revolution: The Nationalist Party, 1905-1917*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1980. EDELMAN, Robert. *Proletarian Peasants: The Revolution of 1905 in Russia's Southwest*. Ithaca: Cornell University Press, 1987.

basquete, porque houve um time de basquete profissional aqui por um tempo, e beisebol. Às vezes eu o ajudava com beisebol, mas minha real especialidade, na qual ele não era tão forte, era basquete. Então toda noite, se havia um jogo na cidade, eu estava na primeira fileira, na mesa de imprensa; e, quando a partida terminava, eu ia aos vestiários e entrevistava aqueles caras. Era uma maravilha. Eu adorava aquilo.

Em 86, um amigo que tinha dado aulas aqui, Harry Scheiber, e se mudou para Berkeley, estava conversando com alguém de Stanford, que lhe disse que estavam organizando um congresso sobre esporte, cultura e sociedade.⁹ Eles iam decidir que o esporte era algo que se podia permitir entrar na academia deles.¹⁰ Também era o tempo da Perestroika. A União Soviética estava muito em voga na época, e eles decidiram que queriam algo sobre esporte soviético. Não havia ninguém – nos EUA, ao menos – que pesquisasse o tema. Havia uma pessoa na Grã-Bretanha, um sujeito chamado James Riordan. Então meu amigo me recomendou, porque eu entendia de Rússia e de esportes.

Concordei em escrever o trabalho. Decidi que iria fazê-lo sobre esportes com espectadores¹¹, o que acabou sendo o assunto do meu livro, e a temática, ou a principal questão, era: “esportes com espectadores: stalinismo ou simples e boa diversão?” Então, para estudá-la, fiz duas coisas. Uma foi uma assinatura do *Sovetskii Sport*, o diário nacional de esportes, que chegava com um atraso de duas semanas.

E o Rand Institute, um grande *think tank*... Eles foram fundados no início da Guerra Fria e recebiam um monte de dinheiro da Força Aérea para fazer pesquisa sobre contrainsurgência. Eles faziam muitas pesquisas sobre a União Soviética, para garantir que não haveria outra revolução em outro lugar. Agora eles de certa forma se deslocaram mais para o centro, politicamente falando. Eles instalaram uma antena receptora de satélite enorme no telhado em Santa Monica, para captar a televisão soviética.¹² Custou uma loucura, acho que uns cem mil dólares. E a televisão soviética não era desinteressante. Não era chata ou mera propaganda, como você poderia pensar. Hoje nós sabemos disso porque muitas pessoas puderam fazer pesquisas a respeito. Não me lembro se pegavam um ou os dois canais. Eles gravavam jogos, notícias esportivas e coisas do gênero para mim em fitas.

⁹ Refere-se à University of California, Berkeley e à Stanford University, universidades de muito prestígio localizadas, respectivamente, em Berkeley e Palo Alto, cidades da região metropolitana de San Francisco (NT).

¹⁰ Ou seja, na Stanford University (NT).

¹¹ *Spectator sport(s)* é uma expressão utilizada em trabalhos acadêmicos em inglês. A expressão tem mais de um sentido. Aqui, parece-me referir-se ao esporte quando se considera a presença significativa de público *in loco* – diferenciando-se, por exemplo, da *participação* no esporte (jogando, competindo etc.) e do acompanhamento dos esportes pelos meios de comunicação. A expressão tem pontos em comum com o que, em português, são as noções de esporte-espetáculo e de esporte de rendimento, sem, contudo, corresponder exatamente a uma delas (NT).

¹² Cidade do litoral da Califórnia. De automóvel, fica a cerca de uma hora de Los Angeles e a cinco de San Diego (NT).

Entre os jornais e a TV, consegui ter uma ideia razoável de como eram os esportes com espectador. Então apresentei este trabalho em Stanford, e não foi bem recebido. Não consideraram particularmente importante. Apresentei o mesmo trabalho uma semana depois num congresso sobre cultura popular no Leste Europeu, na Indiana University, e foi um grande sucesso.

Naquele ponto, eu estava terminando meu segundo livro, que é sobre camponeses na Ucrânia em 1905. Foi agradável ler as páginas de esportes soviéticas. Eu brincava que podia fazer minha pesquisa deitado de costas, lendo os jornais. [risos] Eles me deixavam levar as fitas para casa, e eu as colocava no videocassete. Minha esposa entrava e dizia “o que você está fazendo?” e eu respondia: “Estou trabalhando!”. [risos] Era uma boa desculpa. Era prazeroso! Então eu estava coletando todo aquele material, mas não tinha certeza do que fazer com ele.

Eu tinha um amigo que dava aula em Michigan e me disse: “Por que você não vem a Michigan falar sobre isso?” Então juntei algumas coisas, fiz a apresentação, e um monte de gente excelente, maravilhosa, inteligente apareceu. Uma das pessoas era Geoff Eley. Outro amigo, cujo nome é Ronald Suny, disse: “Isso é muito legal, você deveria escrever um livro sobre isso”. Então decidi que ia escrever um livro sobre isso, deveria ser um livro de história, não apenas um livro sobre a Perestroika.

A biblioteca daqui foi generosa a ponto de me comprar um microfilme, com a coleção completa de *Sovetskii Sport*, de 1946 a 1989. Então comecei a trabalhar metodicamente naquele material.

Então, em 1990, recebi recursos para ir à União Soviética, uma parte foi daqui [UCSD], outra veio do International Research and Exchange Board. Trabalhei na biblioteca de *Sovetskii Sport*. Foi uma grande experiência, os repórteres me deixavam segui-los de um lado paa outro.

Eles começaram a publicar o antecedente de *Sovetskii Sport*, *Krasnyi Sport (Esporte Vermelho)*, em 1924. Tudo aquilo estava em cópias encadernadas, nada de microfilme. Era ótimo, pude ler a coisa toda, começando em 1924. Eu li todas as edições de *Sovetskii Sport*. Era, de fato, muito divertido. Foquei nos jogos realmente populares, futebol, hóquei e, depois, basquete. Isto resultou no livro *Serious Fun [Diversão Séria]*,¹³ que foi lançado em 93, numa época em que a história dos esportes estava bem no começo. Quer dizer, o subcampo existira desde 1950, mas era muito internalista e estritamente empírico, não tinha teoria alguma. Os historiadores do esporte dialogavam uns com os outros, mas não sabiam como dialogar com o ofício como um todo. Então, de certa forma, eu tomei como meu objetivo fazer a história dos esportes tão relevante para o ofício mais amplo da História quanto eu pudesse. Porque ela tinha sido vista como marginal até aquele momento. Mal posso contar as numerosas vezes senti que tinha dado um tiro no pé com essa minha escolha profissional. [risos]

¹³ EDELMAN, Robert. *Serious Fun: A History of Spectator Sports in the USSR*. New York: Oxford University Press, 1993.

Então o livro é lançado, recebe resenhas muito positivas, ganha um par de prêmios, mas não mudou o mundo. Ele foi lançado junto com uma porção de livros, como o de Elliott Gorn sobre boxe nos EUA, o de John Hoberman sobre esporte e ideologia política, e os de Steven Riess e de Melvin Adelman sobre esporte norte-americano, com perspectivas que dialogavam com teoria.

O que normalmente acontecia é que as pessoas que estavam fazendo esse tipo de história do esporte, o tipo que eu e você hoje tomamos como dado, eram pessoas que primeiro se estabeleciam como historiadoras, e depois tinham uma mudança na carreira, como eu tive. Elas então mudavam. Tendiam a ser historiadores sociais oriundos de uma tradição radical, que estava usando versões ainda mais atuais de marxismo para compreender o esporte como uma forma de cultura popular. Toda essa questão da relação entre cultura popular e política era uma espécie de preocupação central nossa.

Ao menos para mim, mas também para outros, o marxismo foi um ponto de partida. A maneira como o marxismo eventualmente se desenvolveu da Escola de Frankfurt (que era muito anti-cultura popular e totalmente desconfortável com o esporte) para uma noção mais gramsciana de hegemonia cultural, que foi adotada no mundo anglófono por Stuart Hall e Raymond Williams e pela Escola de Birmingham. Aquilo foi uma grande mudança, porque você podia ser radical e trabalhar com esportes. Antigamente, nos anos 1960, quando eu era estudante de pós-graduação em Columbia, você não falava disso, certo?

Ou tv, ou meios de comunicação populares etc.

Sim, estava bem no início. Estávamos apenas no ponto em que professores universitários estavam ensinando sobre cinema. E era uma luta para que o cinema fosse levado a sério. A ideia de que você iria incluir um filme na sua aula era vista como pura preguiça e uma tentativa de fazer média com os estudantes. Não havia nada para ser aprendido com aquilo. Tudo tinha que ser difícil de conseguir, doloroso, escrito e provavelmente chato. [risos] Portanto, essas eram coisas com as quais não nos sentíamos confortáveis.

E também havia alguns excelentes biblioteconomistas e bibliotecários que compreenderam que era importante coletar todo esse material. Porque era uma luta, houve uma época em que, se você fosse à biblioteca daqui [da UCSD] em busca dos livros básicos de um autor, eles não estavam no acervo, porque ninguém os comprava. As pessoas que compravam os livros tendiam a ser professores, que diziam à biblioteca o que comprar, e os professores não estavam dizendo a ela para comprar livros sobre boxe ou futebol. Esses não eram assuntos que eu e você consideraríamos de interesse político, cultural ou sociológico. Então, penso que essa batalha foi vencida.

A outra coisa que aconteceu justo na época em que o primeiro livro [*Serious Fun*] saiu, foi que o ofício histórico deu a virada cultural. Várias linhas de pensamento entraram naquela mudança. Uma é a

Escola de Birmingham. Outra é Foucault e a centralidade do corpo, com o esporte sendo uma importante prática corporal. Mas eu não sei se Foucault atentou para as partes esportivas em sua preocupação com o corpo. Mas certamente alguém como Pierre Bourdieu, que foi muito importante para mim. Ele escreve no fim do século XX, mas é como se fosse uma versão do século XXI do marxismo, trata de hierarquia, classe social (embora não seja sobre produção material, modos de produção, esse tipo de coisa), a noção de capital cultural, tudo aquilo. Então eu consegui pegar algumas daquelas ideias, aplicá-las ao esporte, deu liga, e as coisas deram certo. Mas minha intenção, naquele momento, fora retornar à chamada história “de verdade”. Eu ia escrever um livro sobre camponeses em 1917.

Aquela altura, quando meu livro saiu, as crianças vieram. Acabamos tendo três filhos em um ano. Nós havíamos adotado uma bebezinha e tivemos gêmeos sete meses depois. Então não teve muita pesquisa sendo feita durante os anos 1990. Quando eles chegaram à idade de ir à escola, o que aconteceu por volta de 98-99, é que voltei a dormir. [risos] E pensei: “O que vou fazer agora?” Eu tinha pensado em escrever sobre masculinidade e gênero e fui a alguns congressos em que se discutia o tema. Havia todos aqueles pesquisadores jovens que conheciam todos os aspectos da teoria de gênero e eu não sabia nada daquela literatura, então eu estava numa sinuca de bico, e decidi voltar a trabalhar com esportes. Abracei outra parte da minha paixão, que era meu time de futebol soviético preferido. Decidi que ia escrever uma história do Spartak.

Acabou que eu não podia escrever a história do Spartak sem falar de masculinidade e gênero! [risos] Todos esses assuntos envolveram algum tipo de atualização profissional. Então veio o livro do Spartak,¹⁴ passei bastante tempo nos arquivos soviéticos, e consegui escrevê-lo.

Outra coisa: na União Soviética, o esporte como um assunto acadêmico sério, isso simplesmente não existia. Você vai à Academia Soviética de Cientistas, ao Instituto de História deles, e ninguém está trabalhando nisso. Os únicos lugares onde estão trabalhando nisso são o que agora é a Universidade Federal Russa de Cultura Física e Esporte, o antigo e famoso Instituto de Cultura Física. Tinha gente trabalhando em tecnologia do esporte, como treinar, psicologia e coisas afins. Mas a história do esporte que faziam era completamente empírica, atórica e sem preocupação com o tipo de grandes questões sociais pelos quais você e eu temos interesse. Era difícil, porque você tinha este problema no qual a *intelligentsia* tradicional russa era muito antiquada, e, para eles, o único tipo de cultura que importava era a alta cultura. A cultura popular era algo que eles viam com desdém.

Fui à famosa Biblioteca Lênin, que era o equivalente, na União Soviética, da Biblioteca do Congresso [dos EUA]. E você encontrava aquelas memórias de atletas, ou mesmo livros que eram escritos por repórteres. Havia uma porção de livros jornalísticos escritos sobre esportes, alguns deles eram muito bons e interessantes. Então eu vou até

¹⁴ EDELMAN, Robert. *Spartak Moscow: A History of the People's Team in the Worker's State*. Ithaca: Cornell University Press, 2009.

a xerox, a sala da copiadora. Para começar, naquela época, havia sujeitos com metralhadoras protegendo as máquinas de copiar. [risos] Porque era como publicar, algo que você não devia fazer! [risos] E então, aquelas pequenas *babushki*, aquelas pequenas senhoras que trabalhavam no balcão de cópias, elas não me deixavam copiar essas coisas. Elas diziam: “Isto não é sério! Você diz que é um acadêmico e quer ler livros sobre futebol?”.

Então consegui superar aquilo e, quando o livro do Spartak finalmente saiu, as coisas haviam mudado à beça, havia uma porção de boas histórias de outros times de futebol, e história de alto nível sendo feita sobre história dos esportes, em particular na Inglaterra. Era o momento certo e o livro recebeu bastante atenção.

Então eu não sabia o que faria a seguir. Eu tinha recém-concluído aquele livro e pensei que talvez devesse escrever uma história geral do esporte, porque não havia uma espécie de livro-texto [sobre o assunto]. Naquela época, meus filhos eram adolescentes e estavam me enlouquecendo de muitas maneiras diferentes.

Então, do nada, três anos atrás, recebi um telefonema de um cara com quem eu tinha trabalhado num documentário para o canal HBO sobre a final olímpica de basquete de 1972. Ele me liga e diz: “Quero propor uma série de programas sobre o esporte na Guerra Fria para o HBO”. Ele perguntou se eu poderia recomendar um livro para ele ler. Eu disse: “Vou ver”. E, afinal, não existe tal livro. Há fragmentos espalhados. Alguns são OK, muito do que existe é jornalismo, parte mau jornalismo, outra parte é boa. Então, naquele momento, decidi que deveria escrever este livro.

Para tanto, eu sabia que dominava os EUA, sei disso, os arquivos estão ali na esquina, ou mais ou menos ali na esquina, certo? E tinha os arquivos russos sob controle, porque usara muito material de arquivos russos para o livro do Spartak.

Então, agora, estou lendo sobre Guerra Fria, e percebo que trabalhar apenas com a rivalidade EUA-URSS nos Jogos Olímpicos é insuficiente, porque você precisa olhar para o resto do mundo. Estou no processo de fazer a transição de ser um historiador da Rússia para me tornar o que agora se chama historiador transnacional. Isso é um desafio de várias formas. Estou planejando escrever esse grande livro síntese sobre o esporte durante a Guerra Fria, mas, para fazer isso, tive que montar uma equipe de cerca de 50 especialistas e estamos fazendo esse projeto de pesquisa juntos sobre esporte na Guerra Fria. Tudo que eles escreverem vai de alguma forma entrar no meu livro. É mais ou menos por aí que estou no momento.

Que línguas você fala?

Inglês, russo, muito bom francês; ucraniano e búlgaro mínimos.

Voltando um pouco. Quando você decidiu começar a aprender russo? Quanto tempo levou para dominá-lo?

Fiz russo no ensino médio, entre o penúltimo e o último ano, fiz um curso de verão em Columbia. Estudei russo na faculdade. E aí fui para lá [URSS] em 65 e percebi que não tinha aprendido nada. [risos] Não tinha nada a ver com a maneira como as pessoas falavam russo. Você sabe... [risos] Você sabe como é que é, certo?

Tive mais aulas de russo no último ano e comecei na pós-graduação. É uma luta até você até você ficar razoavelmente bom. Mas, sendo realista, acho que, para ficar completamente à vontade com a língua, tanto falada quanto escrita, contando desde o momento em que comecei, quando tinha 16, provavelmente só foi acontecer entre os 36 e 40 anos de idade. E um pouco além, em termos de dominar jargões e a linguagem popular dos torcedores, apelidos, gírias, tudo isso.

Então levou pelo menos 20 anos.

Eu diria que sim.

Quantas vezes você esteve na União Soviética/Rússia?

Mais de cem. Desde um ano acadêmico, o que fiz várias vezes; até, quando casei e tivemos filhos, eu não podia ficar por mais de três semanas. Eu ia e fazia um grande ataque aos arquivos. As pessoas me ajudavam a entrar em contato com os arquivos, e organizar as fotocópias.

Nos velhos tempos, quando eu não trabalhava com esporte, se você quisesse matar do coração um funcionário do arquivo, bastava dizer a palavra *fotocopiar*. Você não podia fazer cópia de nada. Tudo era feito a mão. Se você encontrasse uma tabela muito importante, com estatísticas úteis, você tinha que fazer tudo a mão. Você podia gastar dois dias só para copiar uma série de tabelas. E depois você tinha que enviar as anotações que produzira – eu sempre fiz cópias de papel-carbono. Um conjunto completo eu levava comigo, o outro eu mandava através da mala diplomática, de Moscou para minha casa nos EUA. Era uma maluquice.

E por que você fazia isso?

Para o caso das anotações que eu carregava serem confiscadas. Certa vez, eu tinha tantas anotações que cheguei a colocar algumas delas em todos os bolsos do meu casaco. Então, no aeroporto, os caras da alfândega começaram a olhar minhas anotações, e, quando eu achava que já tinha encontrado tudo, eles continuaram procurando nos meus bolsos [apalpa os bolsos], e ainda tinha anotação saindo de tudo que é lugar. [risos] Eles provavelmente acharam que eu era maluco, mas, no fim das contas, me deixaram passar.

Você precisava fazer aquilo para se garantir, porque algumas pessoas perdiam suas anotações. As anotações se perdiam no correio. Imagina passar um ano pesquisando na União Soviética, copiando tudo a mão, e o material desaparecer.

Você pode contar a respeito do processo de obtenção do visto e de como chegar lá?

Quando eu estava na pós-graduação, havia uma única forma de ir à União Soviética pesquisar: fazendo parte do intercâmbio cultural oficial. Os EUA e a União Soviética assinaram um tratado de intercâmbio cultural em 1958. Parte dele era que, todo ano, enviávamos para lá 30 estudantes americanos de pós-graduação, e eles nos mandavam 30 pessoas. Tendíamos a mandar gente como historiadores, o pessoal da literatura, ocasionalmente cientistas políticos, vez ou outra um antropólogo, muito raramente qualquer tipo de cientista. Todos os que eles nos enviavam eram cientistas. Eles se inscreviam para trabalhar em lugares como o Laboratório de Propulsão a Jato ou com a NASA [National Aeronautics and Space Administration]. Aquilo obviamente não iria acontecer, mas...

Para fazer parte do intercâmbio, e essa é uma história interessante, você mandava a inscrição para uma organização, que inicialmente estava sediada na Indiana University. Eventualmente, e vou explicar como isso aconteceu, ela se mudou para Nova York. O que acontecia é que, nos anos 60, especialmente no auge dos movimentos contra a guerra e dos direitos civis, quando você fazia a inscrição nessa organização, que era dirigida por sujeitos muito conservadoras, bem típicos da Guerra Fria, eles enviavam seu nome para o FBI [Federal Bureau of Investigation]. O FBI buscava você nos arquivos deles, para ver se de fato tinha feito algo perigoso, e então eles ou traziam membros do comitê de seleção até Washington [D.C.] para ler o arquivo, ou então faziam uma cópia do arquivo e a enviavam para o comitê de seleção. Eles então decidiam se você era ou não um representante confiável dos Estados Unidos. Se eles decidissem que você era um agitador – e eu tinha sido preso algumas vezes, e tudo aquilo –, eles diziam que você não havia se classificado pelos critérios acadêmicos. Então isto aconteceu comigo em 1968.

Pouco depois disso, toda a relação entre o intercâmbio cultural e o FBI foi denunciada. O pessoal de Indiana perdeu o comando do intercâmbio, que foi transferido para um novo escritório em Nova York. Lá, era gerido por gente diferente, eu diria um pouco mais ao centro e, vamos dizer, mais honestas e, então, finalmente consegui ir.

Então, na época, esta era a única maneira de conseguir o visto, e você recebia um estipêndio bastante generoso do governo soviético e ia morar num quarto em dormitório na Universidade Estatal de Moscou, que fica num prédio grande um pouco ao sul a partir do centro da cidade. Embora fosse apertado, tinha mais ou menos metade do tamanho desta sala,¹⁵ havia o quarto e você dividia um banheiro com quem estivesse no quarto vizinho. Se você fosse casado, e eu era, você tinha ambos os quartos e uma suíte. Então não era luxuoso, havia muitas baratas, às vezes às oito da noite a luz acabava. Mas não era

¹⁵ Edelman se refere a seu gabinete.

horrível. Havia um monte de gente jovem e era a ala internacional, porque ali é onde havia todos os microfones, e você conhecia gente do mundo inteiro, pessoas de quem sou amigo até hoje.

Isto mudou. Agora não existe um intercâmbio oficial. Se você quer ir, você pega e vai. Mas não é tão fácil conseguir um visto. Você não aparece e pronto, você não consegue um visto de turista, que pode custar muito caro. Você tem que encontrar alguma instituição que vá te patrocinar e te convidar. Uma universidade, arquivo ou algo do gênero. Isso às vezes é complicado, especialmente se você busca uma estada longa. E então você precisa conseguir financiamento, da [Comissão] Fulbright, ou alguma outra. Eu tenho sido muito bem financiado pela UCSD. Você vai lá, gasta o dinheiro, consegue um apartamento, paga isto do próprio bolso, e faz o seu trabalho.

Outra coisa que ficou muito mais fácil é que você pode fazer cópia, e você pode usar uma porção de coisas que não eram permitidas anteriormente. Você não podia ver os catálogos. Então você dizia: “Estou trabalhando com os mencheviques e Moscou antes da revolução”. Eles diziam: “Tudo bem”. Eles traziam o material para você.

Então eles decidiam.

Sim. O único jeito para você saber os números de chamada era ler os historiadores soviéticos e olhar as notas de rodapé. Você dizia: “Bom, o fundo número 23 parece muito importante, ele é citado à beça por tal autor que escreveu o *livro* sobre os mencheviques em 1905”, ou algo do gênero. Então você pedia aquilo. E eles começavam a trazer o material.

O problema é que eles publicavam um monte de documentos. Se você não soubesse que um documento que estavam lhe entregando já tinha sido publicado, você estava frito: “Esse cara não sabe o que faz, ele não leu tudo que havia disponível no Ocidente antes de aparecer aqui”. E eles tinham razão. Você deve ler tudo que conseguir no seu país antes de viajar para fora.

Na verdade, tive muita sorte quando estava na pós-graduação, porque o meu mentor tinha relações muito próximas com historiadores soviéticos. O arquivo tinha uma regra de que, cada vez que um documento era usado, você tinha que assinar uma lista de usuários. Se um soviético nunca o tivesse visto, você não podia usá-lo. Meu mentor nos EUA era tão próximo desses historiadores soviéticos, porque ele estava fazendo todo tipo de favor para eles, então eles diziam: “Ok, no que você vai trabalhar?”, e eu respondia: “Eu gostaria de trabalhar nestes documentos”. Eles iam até o arquivo, solicitavam os documentos, assinavam a lista de usuários, não que eles os lessem, mas aí os documentos passavam a ficar disponíveis para mim. Esta é a maneira as coisas se resolviam no mundo real da União Soviética.

Então a primeira vez que fui em muito tempo foi naquele intercâmbio, organizado pelo International Research and Exchange Board. Até o colapso [da URSS], essa era a única maneira de chegar lá. Agora tem Airbnb etc. [risos]

Quando foi a última vez que você esteve lá?

Estive lá agora em maio. Eles fizeram a primeira de nossas sessões sobre a história da Guerra Fria. Ela foi patrocinada pelo Instituto Histórico Germânico. A sede foi o edifício da Escola Superior de Economia, que é como uma London School of Economics da Rússia. Foi ótimo. Eles fizeram um excelente trabalho de organização. Eles conseguiram nossos vistos, encontraram esse ótimo lugar para realizá-la, organizaram a alimentação, e, quando tudo terminou, pegamos o metrô e fomos ver o Spartak jogar em seu estádio novinho em folha.

Que legal.

Foi, sim.

Em que arquivos você trabalhou nas ocasiões em que esteve lá? Como era o acesso às fontes? Você acha que ser americano teve alguma influência nisso? Como?

Eu te dei uma ideia de como nós tínhamos que operar nos velhos tempos. Hoje as pessoas estão dispostas a trabalhar com você, elas estão dispostas a receber para copiar as coisas para você.

No início dos anos 1990, eles simplesmente abriram as portas dos arquivos e tudo ficou disponível. E, se você tivesse três *notebooks* para dar para os arquivos, porque eles não estavam recebendo dinheiro algum naquela época, eles te mostravam qualquer coisa. Então, enquanto eu estava trocando fraldas, muitos de meus colegas estavam lá nos arquivos construindo suas carreiras e fazendo trabalhos fabulosos.

Houve um processo de reclassificação¹⁶ que é muito frustrante. Alguns documentos que chegaram a ser *publicados* agora estão com acesso proibido, embora eles tenham sido impressos, estejam expostos para o mundo ver. É uma loucura! É muito difícil entrar na FSB, o arquivo da polícia secreta. Você conseguia, no início dos anos 1990. Agora é muito difícil.

Eu desenvolvi relações muito boas com o Arquivo Estatal da Federação Russa, onde sempre trabalhei. Os arquivos escritos do Comitê Olímpico estão lá, do início ao fim. Eles são muito úteis e as pessoas se dispõem a te deixar trabalhar neles, e elas te deixam ver os catálogos, álbuns e tudo que te deixavam ver no passado.

O outro lugar em que trabalhei muito é o Arquivo Estatal Russo de História Política e Social, que é o arquivo do Comitê Central para tudo até 1953, quando Stálin morreu.

E existe algo chamado Arquivo Russo de História Contemporânea, que fica num outro prédio, e é para o Comitê Central após 1953. A pessoa que o dirige é o pesquisador que escreveu o único trabalho acadêmico respeitável em língua russa sobre esporte soviético. Nós

¹⁶ Ou seja, os documentos voltaram a ser considerados confidenciais, tornando-se indisponíveis para consulta (NT).

somos amigos e eu cultivei essa relação. Ele me ajudou imensamente. Nos velhos tempos, ter este tipo de relacionamento com alguém era chamado de “contatos socialistas”. [risos] Era assim que se fazia.

Você pode falar mais sobre como era trabalhar nos arquivos? Como você fazia anotações? Algo a acrescentar quanto a isso?

Quando passou a ser permitido fazer cópias, você solicitava os arquivos baseado na consulta aos catálogos. Outra ajuda que tive no livro do Spartak foi de um cara chamado Aksel Vartanyan, que havia trabalhado com tudo [todos os documentos] que era possível ver. Ele dizia: “Ah, sim, você olha aqui, aqui e aqui, e pede os seguintes documentos”. Então eu realmente sabia onde queria ir, e isto os fez me respeitarem. Eles não sabiam que estavam me dizendo exatamente o que fazer. [risos]

O arquivo chegava, eu sentava com um bloco e escrevia o número de chamada e tudo aquilo. E então eu passava os olhos, e se houvesse algo que parecesse interessante, eu anotava o assunto. E então eu tinha esse assistente que eu pagava, e que de certa forma organizava aquele processo com o arquivo. Eu o pagava em dólares e ele cuidava das cópias. Eu pegava as cópias e levava para fora do país. Não havia qualquer dificuldade. É o que tenho feito desde então.

Antes de poder fazer cópias, quanto tempo levava para você reunir material suficiente para um artigo ou livro?

Um ano acadêmico era suficiente para escrever uma dissertação. Quando chegou o momento de transformar aquela dissertação num livro, passei outro ano acadêmico lá, cinco anos depois. Isso com tudo feito a mão. Agora é possível ser mais eficiente.

A outra coisa é que, teve uma época, isso foi bem no início, em que eles tinham essas copiadoras de mão [*hand held copier*]. Isso era em 1990, você colocava papel, descia cada coluna, e então grampeava todas as colunas juntas, colocava as datas e o jornal no verso daquelas tripas de papel. Fiz muito isso para o primeiro livro de esportes. O livro do Spartak foi muito mais direto.

Agora as pessoas simplesmente vão lá com seus *smartphones* e *iPads*.

Algo a acrescentar sobre como os historiadores nos EUA viam o seu trabalho quando esses livros foram publicados?

O que foi realmente importante é que o livro do Spartak ganhou o prêmio de melhor trabalho de história dado pela Associação de Estudos Eslávicos, do Leste Europeu e da Eurásia. De qualquer tema, não apenas esporte. Aquilo foi a senha. De uma hora para outra, as pessoas prestaram atenção, tipo, meu cabelo ficou grisalho, as pessoas passaram a me levar a sério. [risos] Mas foi uma longa batalha para obter respeitabilidade.

O primeiro trabalho que publiquei sobre o Spartak foi em 2002, na *American Historical Review*.¹⁷ É algo muito importante entrar nela. É muito difícil. Eles mandam [o artigo] para dez pareceristas diferentes. Então, esse artigo entrou lá. Quatro anos depois, ganhei um apoio Guggenheim [John Simon Guggenheim Foundation Grant]. Recentemente, para este projeto da Guerra Fria, ganhamos um grande financiamento do National Endowment for the Humanities. Então, quando essas coisas estão acontecendo, você de certa forma dobrou a esquina.¹⁸ As pessoas agora compreendem que esta é uma atividade humana realmente importante, que pode dizer muito sobre a condição humana.

Me parece que muitos pesquisadores do esporte nas Humanidades que falam inglês como língua primária não aprendem um segundo idioma. Às vezes, a produção acadêmica em outras línguas é tratada como se não existisse. Gostaria de ter alguma reflexão sua sobre a relevância de dominar um segundo idioma.

Hoje, você não pode. Quer dizer, se você está trabalhando com esporte no Brasil e você não sabe português, você é um tapeador, né? O mesmo com esporte na Rússia, com esporte na China, se você é um norte-americano. Os americanos têm essa grande vantagem porque agora [o inglês] é a língua do discurso internacional.

A única maneira de você conseguir passar incólume, sem falar uma língua estrangeira é se você trabalha com história dos EUA. Então, neste departamento [Departamento de História da UCSD], não tem ninguém estudando um país estrangeiro que desconheça a língua dele. Você não consegue fazer pesquisa original a menos que tenha aquele idioma sob controle. Isso é algo estabelecido. Talvez em outras ciências sociais, de alguma maneira, algumas pessoas possam escapar.

Mas, para você ter uma noção: esta instituição não compreende isto. Por que eu digo isso? Alguns anos atrás, o reitor – outro reitor [diferente do atual] – me convidou para fazer uma fala para alguns doadores ricos. Era um jantar. Ele se levanta e diz: “Nós estamos construindo a maior instituição de pesquisa, e nós vamos ter a pessoa número um do mundo, se conseguirmos a número dois não será o suficiente, blá-blá-blá”. Então, é pesquisa, pesquisa, pesquisa. Aí o seguinte a falar foi o decano de Humanidades, ele diz: “O professor Edelman está nas Humanidades, ele é um especialista em Rússia, Rússia isso, Rússia aquilo”. Depois faço minha pequena fala sobre a Rússia. Sento ao lado do reitor, começamos a jantar. Ele diz: “Me diz uma coisa: você fala russo?” [risos]

¹⁷ EDELMAN, Robert. A Small Way of Saying No: Spartak Soccer, Moscow Men and the Communist Party, 1900-1945. *The American Historical Review*, vol. 107, n. 5, p. 1441-1474, December 2002.

¹⁸ Ou seja, deixou as dificuldades para trás; *virou o jogo* [NT].

Olhando para trás para sua carreira: o quanto isso foi importante para você? Quero dizer, lidar com fontes em um idioma diferente do seu.

É crucial. É fundamental. Se você não tem o domínio disso, especialmente em algo como o esporte, onde a língua é tão importante, você não vai a lugar algum. Eu sinceramente penso que, se não tivesse podido estudar esporte *após* ter dominado o russo, se eu tivesse começado com um russo mais fraco, eu nunca teria chegado aos resultados que obtive.

Você estimula os estudantes que orienta a aprenderem outros idiomas? Eles parecem interessados nisso?

Os estudantes de pós-graduação sabem que você precisa disso. Vou receber um estudante de pós-graduação no próximo ano, vindo de Londres. Ele é britânico e trabalha com futebol na Alemanha e no Leste Europeu. Ele compreende totalmente que ele precisa ter isso sob controle, no que diz respeito ao alemão. Se não, não é sério.

Recebido em 20 de agosto de 2016

Aceito em 31 de outubro de 2016